

A separação entre o mito e a filosofia

Já podemos observar a diferença entre o pensamento mítico e a filosofia nascente: a cosmologia racional distingue-se da cosmogonia mítica de Hesíodo. Para estudiosos como o inglês Francis McDonald Cornford, no entanto, apesar das diferenças o pensamento filosófico nascente ainda apresentava vinculações com o mito. Examinando os textos dos filósofos jônicos, Cornford descobriu neles a mesma estrutura de pensamento existente no relato mítico: os jônios afirmavam que, de um estado inicial de indistinção, separam-se pares opostos (quente e frio, seco e úmido), que vão gerar os seres naturais (o céu de fogo, o ar frio, a terra seca, o mar úmido). Para eles, a ordem do mundo deriva de forças opostas que se equilibram reciprocamente, e a união dos opostos explica os fenômenos meteóricos, as estações do ano, o nascimento e a morte de tudo o que vive. Ora, para Cornford, essa explicação racional se assemelha aos relatos de Hesíodo na Teogonia, segundo os quais Gaia gera sozinha, por segregação, o Céu e o Mar; depois, da união de Gaia com Urano resulta a geração dos deuses. Embora em parte concorde com o fato de que a filosofia deriva do mito, em Mito e pensamento entre os gregos Vernant contrapõe-se a Cornford ao destacar o novo, "aquilo que faz precisamente com que a filosofia deixe de ser mito para se tornar filosofia". Nesse sentido, existe uma ruptura entre mito e filosofia. Enquanto o mito é uma narrativa cujo conteúdo não se questiona, a filosofia problematiza e, portanto, convida à discussão. No mito a inteligibilidade é dada, na filosofia ela é procurada. A filosofia rejeita o sobrenatural, a interferência de agentes divinos na explicação dos fenômenos. Ainda mais: a filosofia busca a coerência interna, a definição rigorosa dos conceitos; organiza-se em doutrina e surge, portanto, como pensamento abstrato.